

O GLOBO

Livro: Um sarau no lançamento da obra completa de Vinícius • 2

SEGUNDO CADERNO

Rasi: 'Brida' é uma novela cheia de manchas e espinhas • 8

SEGUNDA-FEIRA, 24 DE AGOSTO DE 1998

O sonho de um chorão carioca

Henrique Cazes lança livro e CD apostando no choro como símbolo do país

João Máximo

O carioca Henrique Cazes sonha com o dia em que o choro será uma atração tão associada ao Brasil quanto o Corcovado, o Pão de Açúcar e o carnaval. Quem ler o seu livro "Choro, do quintal ao Municipal" (lançamento hoje, às 19h, no Centro Cultural Light, com show ao vivo e CD ilustrativo) há de entender o sonho, mesmo que não acredite que ele se realize: Cazes é, hoje, dos maiores cultores do gênero. Não só como autor, mas também como cavaquinista, violonista, compositor, arranjador, pesquisador, produtor, líder.

— O livro tem um alter ego: Radamés Gnattali — antecipa.

Lembra Cazes que Radamés tinha opiniões muito interessantes sobre o choro, ouvidas por ele nas conversas que tiveram durante o tempo em que atuaram no Camerata Carioca e mesmo depois:

— Radamés era homem culto, lia sobre todos os assuntos e, coisa rara entre os músicos de choro, não tinha preconceitos. Nem estéticos nem morais. Ele e Caymmi eram os únicos que conheço que se sentavam na varanda do Lucas para conversar com intelectuais como Brutus Pedreira, Mário Peixoto e Walde-mar Henrique, todos homossexuais.

De Mário de Andrade aos contrapontos de Pixinguinha

E Mário de Andrade? Cazes sabe pouco das relações de Radamés com ele. Apenas que, num encontro no Amarelinho, o maestro se decepcionou:

— Radamés estava doido para conhecer Mário por causa de seus escritos sobre música. Quando o encontro se deu, Radamés chegou à conclusão de que Mário de Andrade não sabia nada, absolutamente nada, de música.

Alter ego ou não, Radamés não é o chorão mais ilustre do livro. Durante quatro meses, Cazes ouviu 24 horas semanais de choro em fitas gravadas pelo pesquisador Jairo Severiano, o que lhe possibilitou compreender o processo de evolução do choro de 1902 até agora. Também consultou biografias, mergulhou em partituras, corrigiu erros históricos e de tudo isso tirou conclusões importantes. Algumas já esperadas, como a genialidade de Pixinguinha. Mas outras surpreendentes, inclusive para os estudiosos de música.

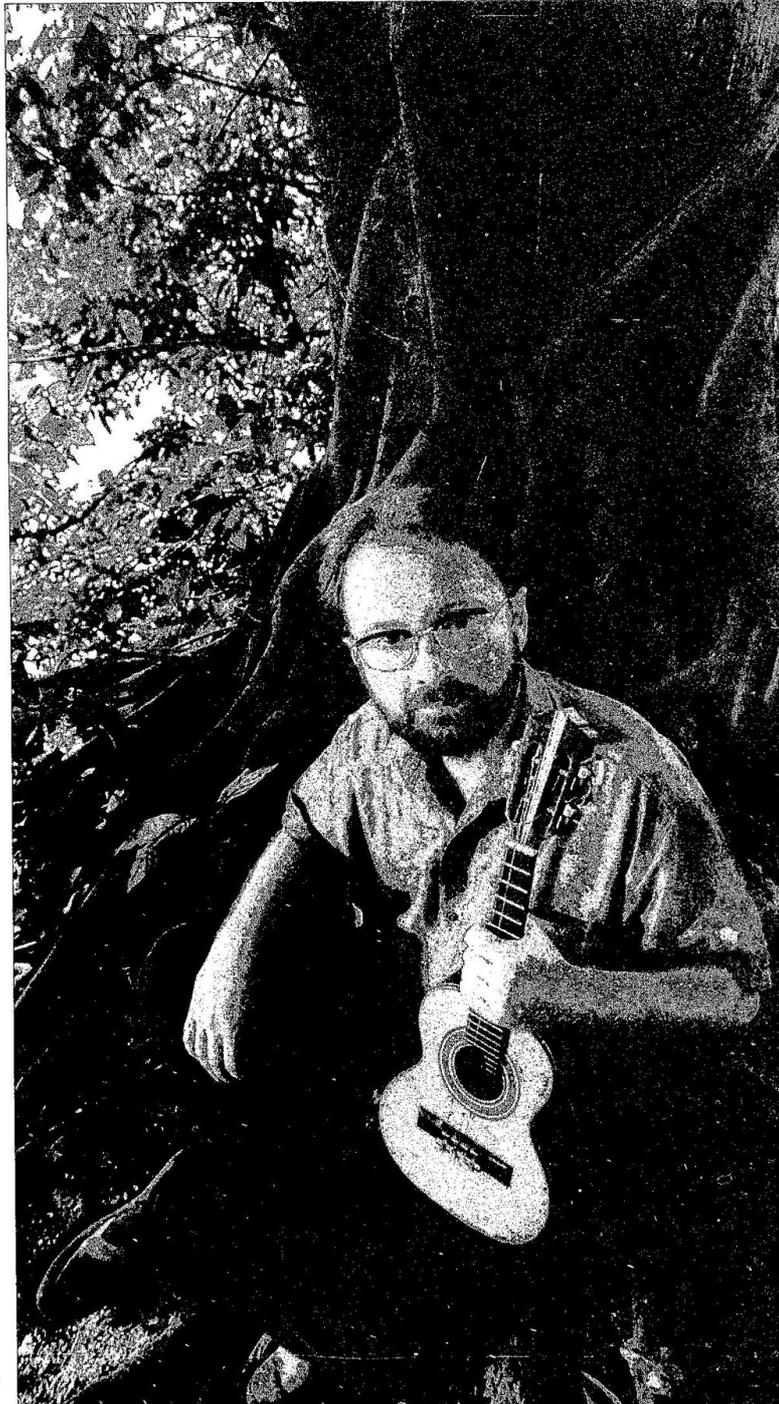
A esculhambação dos batutas e a personalidade de Jacob

Uma destas é a de que os célebres contrapontos de Pixinguinha para Benedito Lacerda, nos discos que gravaram nos anos 40, já eram feitos por Irineu de Almeida em seu ofício, 30 anos antes. Irineu foi professor de Pixinguinha. Via Radamés, foi possível empreender uma reavaliação dos Otto Batutas:

— Historicamente, os Batutas são considerados um marco, um grupo excepcional. Radamés gostava de dizer, o grupo era "uma esculhambação", cada um fazendo o baixo que bem entendia, num caos harmônico impressionante.

Por outro lado, cresce no conceito do autor a figura de Anacleto de Medeiros, maestro de talento raro a que se deve a qualidade da Banda do Corpo de Bombeiros. Depois de sua morte, nunca mais a famosa formação souu tão bem.

Cazes percorre todos os instrumentos da chamada fase mecânica (1902-1927) e conclui que, se os trompetistas eram excelentes (Carramona, Casimiro Rocha, Luís de Souza), os clarinetistas, embora com mais prestígio, estavam em nível mais baixo (Louro, Malaquias). Outra descoberta: a modernidade de Luís



Marizilda Cruppe

Don Carlo

Uma tragédia em que o rei está presente

Luiz Paulo Horta

MÚSICA CRÍTICA

O "Don Carlo" que estreou quinta-feira no Teatro Municipal (novas récitas quarta-feira e domingo) tem algumas das cenas mais impressionantes da memória do teatro; mas é um espetáculo para quem gosta muito, muito de ópera. Verdi escreveu esta obra de alta maturidade para a Ópera de Paris, onde os franceses gostavam de chegar às 19h, e sair à meia-noite. Era uma época em que Meyerbeer tinha inventado a *grand opéra*, que era mesmo um grande espetáculo com enredos históricos.

"Don Carlo" é a *grand opéra* de Verdi (houve quem dissesse: "a obra-prima de Meyerbeer"). É um magnífico Verdi. Mas é enorme. Na versão de quinta-feira (que é a versão italiana, mais curta, em quatro atos), tudo começou às 20h10m e acabou pouco antes de meia-noite. É uma ópera escura, combinando com o tema. E preside sa de seis grandes cantores, nisto incluídos três baixos — o que dificilmente acontece, e mostrou uma coragem quase suicida da direção do Municipal.

Felipe II de Espanha, um dos maiores autocratas da História, é o centro de tudo. Em torno dele gira o drama de Schiller, em que Verdi se apoiou para a ópera. Precisando fazer a paz com a França para poder atacar a Inglaterra, Felipe contrata o casamento de seu filho, Carlos, com uma princesa francesa, Elisabeth de Valois. Mas, à última hora, quem casa com Elisabeth é ele. A essa altura, Carlos e a princesa já se viraram e se amaram. E daí é que decorre a tragédia, à sombra da inquisição, no cenário super-austero que podemos ver até hoje visitando o Escorial. *Continua na página 3*

Manoel de Barros em dois recitais

Alunos de Elisa Lucinda declamarão os versos do poeta do Pantanal

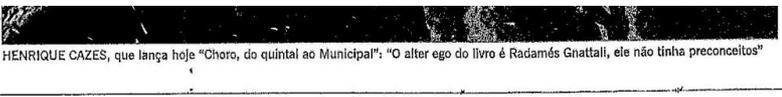
Hoje à noite, às 21h, na Livraria Letras e Expressões de Ipanema, o poeta Manoel de Barros estará presente à leitura de seus versos, que será feita por alunos da Escola Lucinda de Poesia Viva. Amanhã, às 18h30m, o mesmo recital será apresentado no Funarte, na sala Portinari do Palácio Gustavo Capanema, no Centro.

Ao abrir este ano as portas de sua casa para alunos, a poetisa atriz Elisa Lucinda teve como objetivo ensinar as pessoas o que ela mesma sabe fazer: dizer poemas de uma forma agradável, cheia de emoção, seguindo o ritmo do verso. Em outra palavras, acabar com aquela noção de que declamar poesia é uma coisa formal e desagradável.

Foi isso que Elisa aprendeu em Vitória com sua professora portuguesa Maria Filina e que possibilitou o seu sucesso ao dizer em público, em bares e teatros, seus próprios poemas. E é isso, explica, que quer transmitir aos outros, para que a poesia brasileira seja cada vez mais lida, ouvida e amada, deixando de ser sacralizada como gênero difícil ou monótono e passando a fazer parte do cotidiano. Já frequentam as aulas de Elisa mais de 30 pessoas.

Como os últimos poemas trabalhados nas lições foram os de Manoel de Barros, Elisa teve, a

Americano ("O que gravou no começo dos anos 30 vale até hoje..."). E, mais que tudo, a figura personalíssima de Jacob do Bandolim. *Continua na página 2*



HENRIQUE CAZES, que lança hoje "Choro, do quintal ao Municipal": "O alter ego do livro é Radamés Gnattali, ele não tinha preconceitos"

idéia de trazê-lo ao Rio para ouvir os dois recitais. Durante o evento, o poeta do Pantanal estará fotografando seus livros. ■